

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CAMILA DA SILVA MIRANDA

POR UMA QUESTÃO DE (DES) ORDEM: a emergência da imprensa
alternativa no Piauí a partir do jornal Linguinha.

Parnaíba - PI
2012

CAMILA DA SILVA MIRANDA

POR UMA QUESTÃO DE (DES) ORDEM: a emergência da imprensa alternativa no Piauí a partir do jornal Linguinha.

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do prof. M.s. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior.

Parnaíba – PI
2012

CAMILA DA SILVA MIRANDA

POR UMA QUESTÃO DE (DES) ORDEM: a emergência da imprensa alternativa no Piauí a partir do jornal Linguinha.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. M.s. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior

Prof. Dr. Frederico Osanan Amorim Lima

Prof. Francisco José Leandro Araújo de Castro

Dedico à minha família, em especial, aos meus pais Zenilda Maria e Olivan Miranda e, sobretudo a Deus, incentivador espiritual que, a todo o momento, esteve comigo.

AGRADECIMENTOS

Ah! E são tantos os meus agradecimentos! Primeiramente, a Deus, porque sem ele eu não teria forças para trilhar essa longa caminhada e chegar até aqui. Depois à minha família, e desta, em primeiro lugar, a minha amada Mãezinha Zenilda Maria pelo amor, dedicação, compreensão, carinho, paciência e tantos outros adjetivos que ainda assim não são suficientes para expressar o apoio que ela têm me dado em cada dia de minha vida. Ao meu querido Pai Olivan Miranda, que mesmo não estando presente diariamente, me dá seu exemplo de força e dedicação. Às minhas cunhadas e sobrinhos. Aos meus irmãos Olivan Filho, Gilvan Miranda, Erivan Miranda por sempre acreditarem em mim. Ao meu amor Egildo Santos e sua família pelo incentivo, atenção, companheirismo e carinho.

A todos que colaboraram para a realização deste trabalho: o professor Alcenor Candeira Filho pela gentileza em disponibilizar as edições do Jornal *Linguinha*, assim como pela disponibilidade em participar das entrevistas, onde, também tivemos o apoio de Gervásio de Castro, entrevistas estas que foram fundamentais na elaboração desta pesquisa. Aos amigos Samuel Lima e Flávio Sidónio pela filmagem das entrevistas, ao Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba (IHGGP) que contribuiu com livros e documentos essenciais para esta pesquisa, à pessoa do senhor Reginaldo Júnior, presidente do IHGGP, pelos conselhos e atenção ao longo de meu estágio nesta instituição.

Ao meu queridíssimo orientador Professor Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, pela responsabilidade com que trata seus orientandos, pelo incentivo à pesquisa, pela atenção, dedicação, sugestões, etc. Aos professores examinadores Francisco Leandro e Frederico Osanan. Meus agradecimentos a UESPI e aos demais professores do curso de História desta instituição que contribuíram, efetivamente, para o meu amor a este curso e construção de meu conhecimento.

E ainda devo os meus sinceros agradecimentos aos meus queridos amigos: Laiane Sobrinho, Tarcízio, Lana, Mariangela, Wylston, Diego Veras, Samanta, Myria Fernanda, Eugênia Nogueira, Samara Rodrigues, Carine Costa, Caroline Costa, Joyce Gonçalves, Tayse Maria, Nathália Fontenele, Nazaré Vieira, Patrícia, Fellipe Mota, Fernanda Sobrinho, e aos demais que entre concelhos, caronas, conversas, incentivos, credibilidade a mim fizeram e fazem parte da

minha vida e desta vitória. A TODOS VOCÊS, MEUS AMORES, O MEU MUITO
OBRIGADA!

"Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir."

(Michel Foucault)

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre o Jornal *Linguinha*, que foi idealizado em 1971 e publicado de janeiro de 1972 a janeiro de 1973 por um grupo de jovens parnaibanos. Fez parte da imprensa alternativa no Piauí nos anos 70, época em que a literatura marginal estava em ascensão e também período de ditadura militar no Brasil. Esta investigação tem como objetivo entender a emergência do Jornal *Linguinha* enquanto um “começo” para os discursos referentes à imprensa alternativa no Piauí nesta época, percebendo como era a relação da ditadura militar com os grupos de oposição em cidades afastadas dos grandes centros, como é o caso de Parnaíba, assim como analisar a possibilidade de conciliação entre a política e a arte na cidade de Parnaíba nos primeiros anos de AI-5. Buscando entender, especialmente, “Qual foi o tipo de engajamento juvenil que possibilitou um “começo” para os discursos referentes à imprensa alternativa em Parnaíba?”. Dessa forma, a abordagem metodológica é do tipo qualitativa e as fontes utilizadas na pesquisa foram livros que tratam sobre o tema abordado, o Jornal *Linguinha* e entrevistas, onde pode-se compreender, também, aspectos da micropolítica na cidade de Parnaíba, tendo o apoio fundamental do recurso moderno da História Oral que trás a tona sujeitos e objetos históricos antes silenciados.

PALAVRAS- CHAVE: Imprensa alternativa. Jornal *Linguinha*. Micropolítica.

ABSTRACT

This is a study about the “*Linguinha*” Newspaper, which was created in 1971 and published from January 1972 to January 1973 by a group of young people from Parnaíba. It was part of the alternative press in the 1970’s. By this time the marginal literature was in rising and it was *a period of military dictatorship regime* in Brazil. The goals of this study are, firstly, to know the importance of “*Linguinha*” Newspaper as the “open doors” for the alternative press in Piauí at that moment; secondly, to understand the relation between the military dictatorship *regime and its opposition groups in the cities away from the big urban centers, such as Parnaíba; and, finally, aims to analyze the possibility of conciliation* between the politics and the art in the city of Parnaíba in the first years of AI-5. In addition, it seeks to understand, “What was the type of youth engagement that started the alternative press in Parnaíba?” In this way, the methodological approach of this study is qualitative and the sources used were books that deal with the issue, among them: the “*Linguinha*” Newspaper and some interviews, in which there is the support of modern oral history feature that brings up subjects and historical objects before kept silenced.

KEYWORDS: Alternative press. “*Linguinha*” Newspaper. Micropolitics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadrinho do Jornal <i>Linguinha</i>	29
Figura 2 – Imagens dos Jornais Folha do Litoral e Norte do Piauí.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CAMINHANDO CONTRA O VENTO: o <i>Linguinha</i> e a nova política dos anos 1960 e 1970.....	13
3 É PROIBIDO PROIBIR: a emergência da imprensa alternativa no Piauí	22
4 PRA NÃO DIZER QUE EU NÃO FALEI DAS FLORES: o <i>Linguinha</i> e a introdução da contracultura no Piauí.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6 FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	44
7 ANEXO.....	47

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia intitulada “Por uma questão de (des) ordem: a emergência da imprensa alternativa no Piauí a partir do Jornal *Linguinha*” surgiu pelo interesse na temática da imprensa alternativa no Piauí e foi fruto de um projeto de pesquisa do PIBIC onde eu e o orientador desta pesquisa tivemos a curiosidade de compreender qual é a importância do Jornal *Linguinha* para a história da imprensa alternativa no Piauí? Qual era o objetivo do jornal? O que permitiu que um grupo de jovens parnaibanos assumissem essa atitude pioneira? Como pensavam e se articulavam politicamente essa juventude? Como esse grupo via a relação entre política e arte na sua prática? Tais questionamentos permitiram formular a reflexão que norteia esta monografia Qual foi o tipo de engajamento juvenil que possibilitou um “começo” para os discursos referentes à imprensa alternativa em Parnaíba?”.

Dessa forma, as análises realizadas nesta pesquisa funcionam como pretexto para entender a emergência do Jornal *Linguinha* para a imprensa alternativa no Piauí na década de setenta, assim como perceber como era a relação da ditadura militar com os grupos de oposição em cidades afastadas dos grandes centros, como é o caso de Parnaíba, além de verificar como a população recebia o jornal, entre outros aspectos.

A metodologia de pesquisa envolveu a leitura de obras ligadas a temática para a fundamentação teórica, entrevistas, produções textuais, análise do Jornal *Linguinha*, consulta de outros documentos que também vieram a ser importantes para esta pesquisa como a que foi feita no arquivo público do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba onde se teve contato com algumas das edições de dois dos Jornais da Grande Imprensa de Parnaíba a época do *Linguinha*, são eles: FOLHA DO LITORAL e NORTE DO PIAUÍ, onde se observou a intensa diferença entre estes e aquele.

A entrada da categoria micro (ligado a aspectos do cotidiano, comportamentos) dentro da história foi graças à contribuição da História cultural que abriu o leque de análise dos estudos históricos, possibilitando, pois, a discussão de novos temas como o que está sendo apresentado nesta monografia. Sendo o *Linguinha* um jornal alternativo que faz parte da categoria contracultural, verifica-se como este jornal foi pioneiro em tratar de assuntos que até então não

tinha sido visto nos jornais de grande imprensa da cidade de Parnaíba, inovando nas temáticas apresentadas.

Dessa forma, podendo a História Oral inserir grupos marginalizados nos discursos históricos atuais, percebe-se que esta é de fundamental importância nas análises de nosso objeto de estudo, uma vez que o Jornal *Linguinha* era um meio de comunicação alternativo e, portanto, marginal em um período de Ditadura. Sendo assim, o recurso moderno da história oral nos proporciona grandes contribuições no que se refere à história dos excluídos.

Como referencial teórico, citarei alguns autores que foram utilizados nesta pesquisa, dentre eles: Maria Paula Nascimento Araújo e Kucinski que permitiram uma compreensão maior do contexto da imprensa alternativa nos anos 1970, permitindo, pois, uma análise da postura do Jornal *Linguinha* frente a esse contexto. Foucault por tratar de aspectos relacionados a “ordem” e a própria questão de “começo” sendo estes conceitos importantes para o *Linguinha*, Mehty que trabalha com o recurso moderno da História Oral possibilitando um entendimento maior sobre o assunto para o então manuseio das entrevistas; Alcenor Candeira Filho por sua participação no *Linguinha* e também pelo seu conjunto de poesias e escritos relacionados ao jornal, Lucy Dias porque permite uma compreensão maior dos anos 70 e também da contracultura, dentre outros.

O diálogo entre fontes e referencial teórico resultou nesta monografia que possui três capítulos. No primeiro faz-se uma contextualização dos anos de 1970 e, portanto, do Jornal *Linguinha*, mostrando o que estava acontecendo naquela época e como se dera o surgimento do *Linguinha*. No segundo capítulo é feita a análise do jornal, mostrando sua postura e também a relação que o *Linguinha* tinha com a arte. E no terceiro capítulo escrevo sobre a contracultura e micropolítica e como o *Linguinha* foi pioneiro ao tratar deste assunto em Parnaíba.

2 CAMINHANDO CONTRA O VENTO: o *Linguinha* e a nova política dos anos 1960 e 1970.

Nos anos sessenta e setenta o sonho de engajamento político de jovens em todo mundo se pulverizou em inúmeras formas de se fazer política, sobretudo entre aqueles jovens que alimentaram suas vontades de transformação social dentro do espectro da esquerda. No Brasil, por exemplo, o Partido Comunista Brasileiro - PCB, a partir de 1964, deixou de ser a principal referência para os movimentos sociais, especialmente, aqueles ligados ao protagonismo juvenil do período e o que se viu a partir disso foi um processo de sucessivas rupturas que levou a criação de novas organizações políticas de esquerda tais como o Partido Comunista do Brasil – PC do B, que tinha uma perspectiva política mais radical do que a sua antiga “matriz”.

Criticava-se então os encaminhamentos políticos adotados pelo PCB, considerados, pela nova geração de militantes que surgia nos anos sessenta; excessivamente cautelosos, imobilistas, reformistas e diluidores. Isso porque o partido defendia uma etapa democrático-burguesa¹ para a revolução brasileira; uma proposta pacífica para esta virtual revolução e, ainda, que a luta imediata não deveria ter um caráter revolucionário, mas canalizar esforços para uma “reforma de estruturas”. Adotava, portanto, uma linha política mais liberal:

Essa linha política o PCB manteve praticamente inalterada até o golpe militar de 1964 – sendo a principal responsável pelo processo de cisões e de formação de uma esquerda alternativa nos anos 1960-70. Era considerada ora excessivamente cautelosa e imobilista (porque afirmava a via pacífica), ora reformista e diluidora (para uns, porque pregava a luta pelas reformas de base; para outros, pela própria concepção estratégica da revolução em duas etapas) (ARAÚJO, 2000, p.77).

A tendência, portanto, foi que nos anos sessenta e setenta surgissem organizações de esquerda mais ativas e menos burocratizadas e por isso surgiram um grande número de perspectivas políticas que permitiram a emergência de uma esquerda cada vez mais heterogênea. Desde então, passou a ser comum identificar formas diversas de atuação política, desde aquelas

¹ Para o PCB, antes da revolução socialista propriamente dita, executada pelo proletariado brasileiro, o Brasil deveria assistir a uma transformação política de caráter democrático, protagonizada por trabalhadores e burgueses nacionalistas, unidos por um objetivo comum: o combate ao imperialismo do capitalismo internacional.

articuladas a uma opção política partidária de esquerda, demonstrada pela experiência do PC do B, um partido bem mais radical que o tradicional PCB; até formas alternativas de se fazer política, como as percebidas com o surgimento de movimentos micrológicos, tais como o movimento negro ou o feminista (ARAÚJO, 2000).

Dessa forma, dentre os movimentos alternativos emergentes nos anos de 1960 e 70 no mundo, temos a “nova esquerda” que nascendo a partir da esquerda tradicional assumiu dentre outras peculiaridades: simpatia por formas imediatas de ação política, confiança na possibilidade de mudança, crença na democracia direta e por isso não fraudulenta, entre outras. Segundo a autora Maria Paula em “Utopia Fragmentada”:

[...] as novas esquerdas surgidas em quase todo o mundo ocidental, durante a década de 1960, marcadas pelo signo da dissidência política e pela busca de novos caminhos alternativos, tinham em comum: a crítica ao comunismo oficial, entendido aqui como o “comunismo soviético”, que englobava a URSS, os diversos partidos nacionais a ela alinhados [...] valorizavam o papel do sujeito na história [...] desconfiança em relação às formas tradicionais de atuação e representação política. Recusavam praticamente todas as formas de hierarquia e opunham à democracia representativa uma idéia de democracia direta, participativa, sem intermediários. Por último, é interessante lembrar que a problemática da diferença surgiu, ainda nos anos 1960, ligada aos movimentos de minorias políticas nos Estados Unidos [...] (ARAÚJO, 2000, p. 72)

Esta nomenclatura “nova esquerda” foi dada por historiadores ingleses do Partido Comunista, tais como: Eric Hobsbawn, E. P. Thompson, entre outros. (ARAÚJO, 2000, p. 12). Além deste novo viés, como é apontado no trecho a cima, ainda encontraremos, neste período, outras grandes dissidências políticas que partirão da fragmentação da esquerda tradicional, como é o caso dos movimentos feminista, negro, gay se caracterizando pela valorização de suas vivências e das subjetividades humanas e que apesar de não se intitularem movimentos de esquerda, se familiarizavam mais com esta vertente que com a direita.

Partindo deste princípio, é interessante destacar que, em se tratando de Brasil, o período que marca estes acontecimentos está inserido no contexto da Ditadura Militar que provocou grandes descontentamentos; devido à censura, crimes, perseguições políticas, entre outros. O que contribuiu para a emergência de jornais alternativos na época, porém, a ditadura não explica sozinha o nascimento dos jornais alternativos, uma vez que o intuito destes jornais não era resistir exclusivamente “a ditadura”, mas a ideologia dominante, sendo em qualquer tipo de governo, além das intencionalidades específicas de cada jornal, por exemplo, o jornal alternativo Tisão do

movimento negro, além de seus motivos de natureza geral, possuía aspectos específicos como a crítica da história contada sobre o negro na história oficial.

Sendo assim, várias são as formas de manifestações que surgirão, dentre elas os jornais alternativos que segundo Maria Paula “Eram jornais de formato tablóide² de ou minitablóide, muitas vezes de triagem irregular, alguns vendidos em bancas, outros de circulação restrita, e sempre de oposição.” O nome já diz muito sobre o que eram esses jornais alternativos, nada mais eram do que uma *alternativa* aos meios oficiais, meios estes que estavam longe de se opor ao regime, pois estavam ligados a ele. Para Kucinski (2003, p. 13), o termo *alternativa* compreende essencialmente algo desvinculado dos aparatos dominantes, uma opção entre duas coisas, uma válvula de escape em uma situação difícil e, também o desejo por transformações sociais.

Estes jornais alternativos denunciavam a ditadura em seus diversos aspectos, uma vez que os poucos meios de comunicação da época eram limitados aos aparatos oficiais. Inicialmente, os jornais alternativos se dão de forma clandestina, pois na maioria das vezes o Estado se encarregava de fechar os meios jornalísticos, o que aumentava a sede pelo alternativo que vai, aos poucos, entrando em cena e sendo legalizados fora do circuito da grande imprensa. Mesmo com a abertura no espaço da imprensa oficial para novos debates, nos anos 70, não faria sentido as insatisfações estarem ligadas aos aparatos oficiais. Como é colocado no livro “Impressões de viagens”:

É exatamente no momento em que as alternativas fornecidas pela política cultural oficial são inúmeras que os setores jovens começarão a enfatizar a atuação em circuitos alternativos ou marginais. [...] Todas essas manifestações criam seu próprio circuito – não dependem, portanto, da chancela oficial, seja do Estado ou das empresas privadas – e enfatizam o caráter de grupo e artesanal de suas experiências. [...] as manifestações marginais aparecem como uma alternativa, ainda que um tanto restrita, à cultura oficial e à produção engajada vendida pelas grandes empresas. (HOLLANDA, 2004, p. 107)

Dessa forma, com o surgimento de novas maneiras de se praticar política, tendo em vista que eram em grande parte movimentos clandestinos, há necessidade de meios de comunicação que divulguem tais opiniões, uma vez que a grande imprensa era responsável por propagar os ideais do sistema vigente. A partir de então jornais como *Pasquim*, *Opinião*, *Versus*, entre outros vão surgindo na década de 70, no Brasil com o objetivo de denunciar suas angústias para com a sociedade da época.

² Jornais que costumam ter mais ilustrações que notícias, tendo páginas de 33x28 cm.

Nesta perspectiva encontraremos muitos meios de comunicação desta natureza, dentre eles estão os jornais alternativos que se desmembravam em jornais de esquerda (*Pasquim, Opinião, Movimento*, etc) que eram influenciados por partidos de esquerda e propunham novos espaços de atuação política e, portanto, de resistência ao regime militar; havia também aqueles ligados a movimentos sociais (a imprensa feminista, negra, gay) que produziam seus próprios jornais que funcionavam como meio divulgador de seus interesses e posições, sem vínculo com jornalistas, estavam mais voltados para os movimentos de minorias; já os contraculturais eram elaborados por artistas, poetas que mostravam suas inquietações através da arte, esteja ela representada através da música, poesia, etc.

O contexto histórico destes acontecimentos atravessam vários países, inclusive o Brasil, não deixando, pois, de afetar o estado do Piauí que também começa a se mostrar integrante deste cenário mundial, na medida em que há o surgimento da poesia marginal e da Imprensa alternativa que tenta dar voz aos excluídos da história de forma que uma de suas principais características era o questionamento, além da resistência ao autoritarismo de políticos, que em Parnaíba, segundo Vamberto Júnior (2010, p. 33) falando sobre a política militar em Parnaíba, coloca:

As informações quanto as práticas repressivas denotam duas ações: algumas agressões físicas ou a efetuações de prisões de políticos e pessoas contra a política militar, contudo eram ações somente para evitar o crescimento de ideologias diferentes do grupo de direita, tanto que os presos podiam entrar na justiça para saírem da prisão, demonstrando uma repressão maleável na cidade de Parnaíba se comparado a ação nas grandes metrópoles da época.

Desta forma, a política militar na cidade de Parnaíba estava mais relacionada com a questão das eleições, do autoritarismo de políticos da cidade, mas nada como acontecia nos grandes centros. Os jornais que fizeram parte da imprensa alternativa no Piauí, inicialmente, eram mimeografados (forma de impressão) o que dá início a chamada geração mimeógrafa no Piauí que unia envolvimento e postura ligados a realidade do cotidiano e eram de oposição ao autoritarismo de políticos de Parnaíba, a exemplo disso tem-se o jornal *inovação*.

Ao falarmos da ligação dos meios de comunicação da grande imprensa aos aparatos oficiais e da oposição de alguns jornais ao autoritarismo em Parnaíba, ressalta-se o seguinte autor, que baseado nos depoimentos orais de sua pesquisa, coloca:

Os meios de comunicação geralmente estavam do lado dos grupos ligados a ditadura, os entrevistados ressaltaram que os jornais e o rádio eram monopolizados por políticos, impossibilitando as demais pessoas contrárias de se manifestarem. Logo, a

prática de jornais clandestinos e formas de divulgação da idéias contrárias foram surgindo através de jornais como o *inovação* e outros. (JUNIOR, 2010, p. 30)

Como se vê, o autor faz uma análise baseada em depoimentos orais, e coloca a ligação dos meios de comunicação ao então sistema vigente na época, mostrando ainda os meios alternativos que vão surgindo, citando o *inovação* (1977), que foi de grande importância para a imprensa alternativa no Piauí, por ser um jornal de grande teor contestatório, que teve longa duração, entre outros aspectos. Porém, é a partir de 1971 que a imprensa alternativa começou a ser idealizada na cidade de Parnaíba, se manifestando com a publicação do Pioneiro *Linguinha* em 1972. Estas manifestações de descontentamento, no Piauí, ocorrerão, primeiramente, em Parnaíba.

É nesse sentido, que em julho de 1971 esta nova forma de se praticar política foi testada primeiramente em Parnaíba, a segunda maior cidade do estado, a 330 quilômetros da capital, Teresina. E é interessante destacar que a sua emergência se deu quase que simultaneamente com as principais iniciativas do país (ex. *Opinião* de 1972), a partir de um jornal alternativo chamado *Linguinha*, produzido pelo poeta Alcenor Candeira Filho e um grupo de jovens: Elmano Carvalho, Gervásio de Castro Neto (idealizadores) e Bruno Pires, Elias Jr.; Raimundinho Arraia, Renato Machado, Antônio Oliveira Neto, Luís Prado Jr.; William Gernnison (colaboradores). Segundo Alcenor Candeira Filho:

Foi nesse clima de nebulosidade, quando estavam suprimidos no Brasil os direitos fundamentais do homem, que surgiu, exatamente na noite que marcou a passagem do ano de 1971 para o de 1972, o jornaleco **O LINGUINHA**, que, graças à sua linguagem de irreverência geral, se tornou, então, o mais procurado dentre os órgãos de imprensa escrita desta cidade.

A história de **O LINGUINHA**, o primeiro jornal marginal do Piauí, remonta a Julho de 1971, quando Elmano Carvalho, Gervásio de Castro Neto e Alcenor Candeira Filho idealizaram um jornal que agressivo e marginal, deveria espalhar os anseios da juventude parnaibana, inconformada com tudo e com todos. Pretendiam um jornal que, sem a mínima dependência econômica ou política de quem quer que fosse, denunciassem os defeitos e podridões de instituições sociais. (FILHO, 2010, p. 76)

A partir de então começam a publicar os primeiros exemplares do *Linguinha*, um jornal mimeografado. O nome do jornal é bem sugestivo, uma vez que no livro *Seleta em Verso e Prosa*, Alcenor Candeira Filho coloca que “O *Linguinha* é um jornal que talvez não valha nada, mas em tudo o que vai mal. Quando pode, dá porrada”. Nesta colocação verifica-se a preocupação dos colaboradores do Jornal em questionar, próprio da geração mimeografa, daí o nome *Linguinha*.

O *Linguinha* foi um jornal criado por jovens universitários de classe média alta, que não tinham grandes pretensões de mudanças nem objetivos definidos. A ideia da criação surgiu aqui em Parnaíba através de um grupo de jovens que vindo de férias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Recife brincavam de fazer jornal, procurando a distração na feitura do mesmo. Influenciados pelo jornal *O Pasquim* de 1969, criam o *Linguinha*, que, segundo Alcenor, apesar de ter sido feito na brincadeira, sofreu influências, pois nada parte do nada, colocando que uma ideia sempre parte de outra já elaborada. O lançamento deste jornal, segundo o mesmo autor, foi perante a elite em uma festa de Réveillon que aconteceu no Igara Clube de Parnaíba. Segundo Alcenor, falando da criação do *Linguinha*, cita:

Olha era brincadeira rapaz, a gente farreava, aí para não ficar aqui de férias, que a gente estudava fora e o pensamento era aqui em Parnaíba, chegava aqui em Parnaíba, digamos dois meses de férias, dezembro e janeiro, ou parte de dezembro e janeiro e parte de fevereiro, então para a gente não ficar só bebendo, só namorando, só farreando, a gente rapaz vamos fazer aqui uma brincadeira, um jornalzinho mimeografado e começamos a fazer em uma maquinazinha de escrever que era da minha mãe lá em casa, reunia aquelas pessoas e bebendo e brincando a gente ia fazendo o jornalzinho, fizemos aí alguns números, acho que não chegou nem a dez, e foi só isso. (FILHO, 2012)

Assim como Alcenor Filho, Gervásio de Castro também em entrevista coloca que a criação do *Linguinha*:

Não tá muito clara pra mim, é o Nôba, porque eu conheci o Nôba que é o Alcenor Candeira Filho, poeta e professor, eu conheci o Nôba no Rio, ele morava aqui, eu sabia quem era o Nôba, inclusive o assassinato do pai dele, e depois quando eu fui morar no Rio ele também foi, em 1966, mesmo ano e tal, e eu não sei como eu conheci o Nôba lá, não sei como foi o primeiro gole de cerveja, aí nós ficamos muito amigos, quando vínhamos de férias estávamos sempre juntos, a turma era unida. Sempre nos víamos no Rio, todo fim de semana, e aqui, nas férias. Surgiu de uma brincadeira vamos criar um jornalzinho, uma coisa pra gozar os outros, fazer brincadeira com os participantes da turma, e ficou só nisso. Naquela época a sociedade, o povo mais velho, eles não aceitavam muito, eu achava eles um pessoal meio bobo, uma suposta elite, que ficava só criticando as atitudes da gente, mas a gente não fazia nada de errado, pelo menos eu achava que não, então a ideia era fazer gozação entre a gente e dá uma cutucada nesse pessoal. (CASTRO, 2012)

Ambos os entrevistados colocam que o jornal foi feito em meio a brincadeiras, para descontração, gozação, ou seja, para distraírem-se quando viessem de férias para Parnaíba. Mas através desta brincadeira temos o pioneirismo da imprensa alternativa no Piauí a partir do Jornal *Linguinha*.

Os primeiros números do jornal mimeografado foram feitos com a colaboração do SESC, na pessoa de Ranufo Torres Raposo. Contudo, os editores de o *Lingunha* criticam Ranufo nas suas primeiras edições, com isso houve a proibição de produzir o jornal naquele local, então o Professor Benedito Correia (grande incentivador do inovação), neste momento superintendente do SESI, abre o mimeógrafo desta instituição para a produção do *Lingunha*.

Este jornal teve vida efêmera com a publicação de, aproximadamente, mais de seis opus que apresentavam coluna de notícias, esportes, filmes, críticas em forma de textos e quadrinhos, entre outras coisas. Os jovens que escreviam para o *Lingunha* o faziam na época de suas férias, influenciados pelas ideias que traziam do Rio de Janeiro percebendo tais influências nas próprias temáticas do jornal, que apesar de não serem planejadas, pois segundo Alcenor “ali eles escreviam o que queriam” (FILHO, 2012), estavam relacionadas a divórcio, sexo, drogas, assuntos ainda tabus para a sociedade parnaibana. Falando sobre a forma de publicação do jornal Gervásio de Castro, em entrevista coloca: “não tinha uma periodicidade certa para a publicação era quando dava”, ou seja, não havia determinações nem para a forma de publicação do jornal, nem para suas temáticas.

Alguns números foram feitos e circularam do Rio de Janeiro. No entanto, segundo Alcenor, foi algo que aconteceu em lugares específicos, como foi o caso do cursinho pré-vestibular psiqué (propriedade de parentes de um dos colaboradores do *Lingunha*), que funcionava na Tijuca, na Rua Sanspénia, mas não foi algo de grandes proporções, até porque, para Alcenor, “ O Rio de Janeiro não estava interessado em jornaleco feito por parnaibano” (FILHO, 2012), além disso, não havia esta pretensão.

Como é colocado em “No reino da poesia” esses jovens brincavam de jornal, faziam mais por gozação. A chamada *Edição extra*, uma edição escrita no próprio Rio de Janeiro que tem como destaque “Prof. Hélio: ‘O casamento indissolúvel é imposição legal, barbara, injusta e inócua’”. Este é um trecho do jornal *Lingunha* que trata do desquite que sempre foi um assunto polêmico no Brasil, e isso se deve, entre outros fatores, por ter tido uma colonização católica que influenciou muitos pensamentos, entre os quais, o receio ao desquite (primeira forma de separação), além de levar em consideração que as análises feitas no jornal antecedem a 1977 quando o divórcio foi instituído no Brasil através de uma Emenda Constitucional, ou seja, até então não havia sido legalizado no Brasil, sendo, portanto, assuntos polêmicos e porque não dizer

tabus para o Rio de Janeiro e para a sociedade parnaibana que era o local de publicação do *Linguinha*.

Esta *Edição Extra* mostra as influências sofridas pelos jovens colaboradores do *Linguinha* no Rio de Janeiro, que munidos de informações e fontes, tentam passar para a sociedade parnaibana os debates que estava acontecendo em grandes cidades, não é a toa que na capa do jornal encontramos “Guanabara para Parnaíba”, além de colocarem no jornal que:

Nesta edição especial de “O Linguinha” (feita no Rio de Janeiro), o nosso entrevistado é um professor conhecido no Brasil e no exterior. Trata-se do DR. HÉLIO GOMES, catedrático de Medicina Legal das Faculdades de Nacional de Direito da Universidade da Guanabara e Brasileira de Ciências Jurídicas.

Temos absoluta certeza de que os recados do mestre HÉLIO agradarão a todos os leitores de O LINGUNHA- sem distinção de credo religioso, raça, sexo, trabalho e convicções políticas. (LINGUINHA, opus extra, 1972)

Esta passagem do jornal é escrita por Alcenor Candeira Filho que tinha como pseudônimo “Nôba”, nela percebe-se uma das intenções do jornal que era ampliar a idéia dos leitores com relação ao assunto abordado. Nesta perspectiva, uma vez que a grande imprensa de Parnaíba representada por jornais como o Folha do Litoral e o Norte do Piauí não publicavam assuntos polêmicos justamente para não despertar reações desagradáveis na população, pois assim prejudicaria o sistema vigente, há a necessidade de novos espaços de ação política, onde se encontrou o *Linguinha*.

Algumas são as justificativas para o fim do jornal, estejam elas ligadas a escrita alternativa do jornal, ou seja, a forma como tratavam certos assuntos utilizando palavras como “transas” “cabarés” que, para alguns, podia causar certo desconforto ou pela ausência de acordos entre seus colaboradores. Seleta em verso e prosa:

O lançamento do primeiro **opus** foi um sucesso. Recebendo, por paradoxal o incentivo da imprensa tradicional da cidade, como se no íntimo ela tivesse vontade de apresentar os aspectos inovadores e ousados que o novel jornal apresentava, - os (ir) responsáveis por **O LINGUINHA**, empolgados, lançaram o opus 2, o 3, o 4. A partir daí começaram as divergências entre alguns colaboradores. [...] Outros jovens parnaibanos dispuseram-se logo a trabalhar no jornaleco. Foi a época em que o jornal, tomando posições extremamente irreverentes e avançadas, passou a ser tachado de imoral, de pornográfico, de sujo. Os incentivos de início cessaram. [...] Alguns medalhões de Parnaíba, temendo a “nudez forte da verdade”, quiseram acabar com **O LINGUINHA**. (FILHO, 2010, p. 77)

Nesta citação e em outras passagens deste texto verifica-se a colaboração de algumas pessoas de renome da cidade, inclusive da imprensa tradicional, na feitura do *Linguinha* o que

não fazia parte das intenções dos fundadores deste jornal, mas há essa necessidade para que o jornal possa acontecer, e é em meio à elite que o jornal surge a proposta do jornal (devido seus próprios fundadores fazerem parte dela) e onde acontece seu lançamento, como já foi dito anteriormente, mas é também, para “cutucar” alguns comportamentos desta mesma elite que o jornal nasce. Além disso, nesta citação percebe-se a forma questionadora e, muitas vezes, impertinente de *Linguinha* tratar determinados assuntos o que fizeram com que houvesse alguns desentendimentos entre os escritores do mesmo e aqueles que eram atacados, o que contribuiu para o fim do jornal. Aqui se percebe o desconforto que, muitas vezes, o *Linguinha* causava.

Apesar disso, Alcenor Filho aponta o jornal *inovação* (1977) como o primeiro jornal em Parnaíba a apresentar objetivos e posturas notáveis, além de questionar o regime militar. Porém, é o jornal *Linguinha*, sem grandes pretensões, que abre as portas para a imprensa alternativa no Piauí. Alcenor cita:

[...] o *Linguinha*, que é um jornal que não tem importância cultural quase que nenhuma, eu reconheço, mas que foi muito interessante para aquele grupo de jovens que acreditavam em alguma coisa e pensavam em fazer alguma coisa, decorridos quarenta anos, fazer um balanço isento do que foi este jornal, eu diria foi um jornal insignificante, mas que pelo menos teve o mérito de servir como veículo transmissor do ideário desses jovens. (FILHO, 2012)

Mesmo com a pouca ou nenhuma importância dada ao jornal, até mesmo pelo próprio Alcenor, este trabalho acredita na possibilidade de resquícios de micropolítica (forma de demonstrar os anseios de um determinado grupo perante a sociedade) em Parnaíba a partir do jornal *Linguinha*, pois como coloca Alcenor, falando do jornal *Linguinha*: “O *Linguinha* não foi importante coisa nenhuma, foi uma coisa mais, eu repito, mais era festa, agora tem coisa que se fez em festa que tem algum significado que pode ter sido o que aconteceu com este jornal”. (FILHO, 2012)

Portanto, as investigações de *Linguinha*, jornal idealizado em 1971 e publicado de janeiro de 1972 a janeiro de 1973 por um grupo de jovens universitários, de classe média, questionadores, poetas, apontam para a possibilidade do nascimento, ainda que tímido, da micropolítica em Parnaíba, como foi citado anteriormente, assunto este que se aprofundará, posteriormente, no capítulo 3 desta monografia.

3 É PROIBIDO PROIBIR: a emergência da imprensa alternativa no Piauí.

O jornal “*Linguinha*”, publicado de janeiro de 1972 a janeiro de 1973, inaugura a imprensa alternativa no Piauí que é marcada pelo signo do questionamento e da inquietação. Até a publicação do pioneiro *Linguinha*, não havia em Parnaíba um jornal que fugisse das amarras sociais, ou seja, com questionamentos e temas problematizadores daquela sociedade, além de uma linguagem mais livre que pode ser percebida nas poesias marginais de Alcenor Filho, as quais teremos contato mais adiante. Estas características vão sendo inserida na imprensa parnaibana a partir da contribuição dos idealizadores do *Linguinha*.

Para Foucault a “ordem do discurso” (FOUCAULT, 2004) se constrói através de três princípios de exclusão: o *interdito* que determina que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer lugar, a *partilha* que coloca o “louco” em uma categoria menor pela sua falta de normalidade, não levando em consideração, pois, sua palavra enquanto sujeito pertencente à dada realidade, e a *posição do verdadeiro e falso*, ou seja, aquilo que é considerado verdadeiro ou falso compreende a imposição de uma dada ideologia marcada por intencionalidades discursivas. Culminando na compreensão de que, em uma sociedade, há aquilo que pode ou não ser dito por um determinado grupo de pessoas em um dado lugar.

Partindo deste princípio, levando em consideração que a “ordem” da sociedade parnaibana estava voltada, até o período de 1960-70, para o moralismo político militar que eram determinados, em grande parte, pelos atos institucionais que funcionavam como uma espécie de tornar legal as decisões do governo militar percebe-se que estes atos cabem perfeitamente nos princípios de exclusão de Foucault apontados logo a cima, na medida que a força dos atos institucionais impediam, por exemplo, a formação de partidos contrários ao então regime.

O bipartidarismo, por exemplo, criado pelo AI-2, era o sistema partidário da época, onde apenas dois partidos políticos eram tidos como legal, e neste caso a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) ligada aos militares e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) que era mais uma espécie de mascaramento de uma oposição, vez que este era mais um partido submisso à ARENA. Estes fatores contribuíram para a pouca ou nenhuma formação de partidos contrários ao

autoritarismo de políticos ligados à ditadura militar na cidade de Parnaíba (JÚNIOR, 2010, p. 29). Havia nesta cidade uma elite marcadamente moralista, ou seja, qualquer comportamento que se mostrasse ainda que, timidamente, fora dos padrões de comportamentos seriam vistos com maus olhos e a poesia, também, estava ligada aos traços convencionais ou clássicos.

O *Linguinha* é em meio a tudo isso, uma forma de burlar, de desordenar tais aspectos, pois apesar de com ele não ter havido a formação de um partido contrário aos responsáveis pela cidade, que à época do jornal, tinham como prefeitos Carlos Furtado de Carvalho (1971-1972) e Elias Ximenes do Prado (1973-1976) trouxe sim certas mudanças. Portanto, mesmo colocado por seus fundadores como uma forma de brincadeira, sem grandes intenções, este jornal causa certa “desordem” na cidade de Parnaíba, vez que com ele encontramos novas formas de se fazer a imprensa da cidade.

Dessa forma, lembraremos novamente do “princípio da exclusão” que é esta consciência de que a palavra do louco, àquele que foge às regras do sistema, não pode ser transmitida como a dos outros, sua palavra nada vale, não existe (FOUCAULT, 2004). Foi o que aconteceu com esse jornaleco, que tido como fora dos padrões, não teve grande visibilidade como os da grande imprensa da cidade, mas que foi fundamental para o nascimento da imprensa alternativa no Piauí, vez que depois dele vieram *Inovação*, *Gramma*, *Estado Interessante*, *Sol*, que são outros importantes jornais alternativos piauiense.

A grande imprensa da cidade de Parnaíba era marcada por uma “ordem” que poderíamos caracterizar como extremamente narrativa, ou seja, apontando idas e vindas de políticos, com muitas propagandas em seus exemplares, notícias voltadas mais para grandes feitos de políticos da cidade, em detrimento de publicações com temas problematizadores, estejam elas ligadas a sexo, drogas, falhas de políticos da época, entre outros, como os que veremos com o jornal *Linguinha*, havia também, ausência de envolvimento com a arte, poesia, música, etc como forma de expressão política dentro do circuito da grande imprensa.

Além da falta de críticas em forma de desenhos ou quadrinhos dentro desta grande imprensa, outrora bastante presente nas páginas do *Linguinha*. O próprio Alcenor Filho (2010, p. 77) em seu livro *Seleto em verso e prosa* falando sobre o lançamento do jornal, coloca: “Recebendo, por paradoxal, o incentivo da grande imprensa, como se no íntimo ela tivesse

vontade de apresentar os aspectos inovadores e ousados que o novel jornal apresentava”. Percebe-se então que o jornaleco *Linguinha*, assim chamado por seus fundadores, deixa sim, marcas nesta sociedade, pois nesta passagem nota-se os anseios da grande imprensa pela nova proposta do jornal. Esta simpatia da grande imprensa pelo *Linguinha* pode ser justificada porque era feita por jovens que traziam algo novo, mas que faziam parte da parcela rica daquela sociedade, ou seja, era uma forma de “ajudar os seus”.

É interessante destacar, que o jornal *Linguinha*, apesar de ter sido considerado por Alcenor Filho em entrevista feita e até mesmo em Livros citados anteriormente pelo mesmo autor como sendo um “jornaleco sem importância efetiva para a cidade de Parnaíba”; pois os colaboradores do *Linguinha* não teriam uma posição política definida, a intencionalidade não seria promover mudanças, era mais uma brincadeira de jovens que vinham passar férias em Parnaíba, ainda assim, analisando as classificações de Kucinski (2003) e Maria Paula Nascimento Araújo (2000) sobre os jornais alternativos poderíamos inserir o *Linguinha* dentro da vertente existencial (contracultural) e contracultural, respectivamente, colocada pelos autores.

O primeiro autor, tratando da vertente existencial (contracultural) coloca que umas das principais características da mesma era as “experiências vividas”, o que se relaciona com os jovens criadores do *Linguinha* e suas influencias no Rio de Janeiro, a edição extra apontada no capítulo 1 desta monografia, com a temática do “casamento indissolúvel” esta intimamente ligada com a colocação de Kucinski (2003, p.15) a respeito dos jornais existenciais: “Rejeitavam a primazia do discurso ideológico. Mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural, investiam principalmente no autoritarismo a esfera dos costumes e o moralismo hipócrita da classe média.” Uma vez que na edição de o *Linguinha* verifica-se à crítica aos costumes como foi colocado na citação pelo dito autor, o que possibilita atentar para características da contracultura neste jornal.

Já Maria Paula Nascimento Araújo (2000, p. 32) coloca que os jornais de contracultura se caracterizam por serem elaborados por artistas, poetas que mostravam suas inquietações através da arte, esteja ela representada através da música, poesia, etc. A contracultura faz nascer a própria ideia do “louco”, ou seja, aquele que está fora dos ideais do sistema proposto, além disso, a bola da vez era está fora das amarras dos sistema, sair dos padrões de comportamento até então estabelecidos (desbunde), e se em certas ocasiões fosse preciso comungar com o sistema, muitas

vezes por conta do trabalho, que isso fosse feito de forma que não deixasse as pessoas menos “loucas”, com sede de revolucionar-se, ou seja, era preciso ser feliz apesar dos perigos (DIAS, 2003).

Então novas formas de se pensar a sociedade vão nascendo nesta época, como por exemplo, o movimento gay, feminista, a noção de casamento aberto, ou seja, tudo que fugisse ao sistema proposto era tido como contracultural. Sendo os colaboradores do *Linguinha* envolvidos com estas formas de expressão, com destaque para a poesia que está bastante presente nas edições do Jornal. Segundo Alcenor Filho:

Esse grupo não tinha uma posição partidária, eu acho que a nossa preocupação maior nunca foi de natureza política, nossa preocupação maior era com as artes, era divulgar o que a gente pensava a respeito, poemas, e num sei o que, artigos comentando sobre a economia do país, enfim pessoas que faziam universidade e que queriam aproveitar o jornalzinho para escrever alguma coisa, sem maiores pretensões, agora você ver o destino, esse jornal terminou se incorporando a história cultural do Piauí, você sabe que existe livros que focalizam o *linguinha*, reconhecendo, inclusive, o pioneirismo, que teria sido o primeiro jornaleco aqui do Piauí e eu acredito que seja mesmo, a não ser que alguém apresente um anterior . (FILHO, 2012)

O jornal *Linguinha* insere-se na categoria contracultural, justamente, pela sua ousadia de escrita que trazia consigo temáticas novas, sendo uma delas sua ligação com a arte, que é característica da contracultura porque com ela consegue-se fugir dos padrões de escrita estabelecidos. Além disso, como foi apontado a cima, o jornal diz muito de seus fundadores, vez que sob várias influencias entre elas a de “O Pasquim” no Rio de Janeiro, onde residiam alguns deles, por exemplo, o contato dos mesmos com livros como *Apanhador no campo de centeio*, *Cidadela*, *Terra dos homens*, *liam Carlos Zéfiro* que através de quadrinhos, tratava da literatura marginal, com a temática pornô, entre outros, os quais foram fundamentais na elaboração do jornal. Alcenor Filho e Gervásio de Castro em entrevista mostram-se questionadores da realidade que os envolviam nos anos 1960 e 1970, onde as dissidências políticas e a sede por transformações sociais eram enormes.

Nesse sentido, cada um a sua maneira contribui para a publicação desta nova maneira de se fazer política em Parnaíba. Servidos de uma gama de poesias, em sua maioria, elaboradas por Alcenor Filho, dão um novo estilo de questionamento para a imprensa parnaibana, ou seja, a arte é, agora, na imprensa, um meio de pensar, sentir e ver a realidade.

Partindo deste princípio, as iniciativas dos fundadores do *Linguinha*, marcadas pelo período em que viviam, ou seja, período de grandes dissidências políticas, transformações comportamentais, novas formas de pensar a sociedade, e as influências no Rio de Janeiro contribuíram muito para o *Linguinha*. Por isso as colocações do jornal não podem ser percebidas fora do contexto, da vivência de seus fundadores que poetas, jovens, críticos da sociedade parnaibana que os cercavam, viam na escrita do jornal uma forma de “cutucar” esta sociedade (CASTRO, 2012).

A emergência desse novel jornal se deu quase que simultaneamente com as principais iniciativas do país, São elas: *Pasquim* (1969), *Opinião* (1972), *Versus* (1975), entres outros. A exemplo disso temos a revista *Bondinho* de jornalismo existencial, apontado por Kucinski (2003), que aproxima-se bastante de o *Linguinha* pelo seu ano de fundação em 1971, sobrevivência fora dos circuitos da grande imprensa, e por algumas características que apontaremos a seguir.

Bondinho nasce em meio aos circuitos convencionais, circulando perante a elite que ia às compras no pão-de-açúcar, mas logo em 1972 muda profundamente, pois seus fundadores decidem por sair da circulação restrita e tornar-se de publicação nacional, sair das amarras, sem a mínima preocupação com os compromissos já assumidos sobre sua forma e local de publicação, apesar de correr o risco de extinção pela falta de dinheiro, assim entra na imprensa alternativa, deixando de ser “bem-comportado” e passando a ter um tom mais provocativo, entrando também os quadrinhos na sua modalidade de escrita.

Com o jornal *Linguinha* não é diferente, pois assim como *Bondinho* liberta-se das amarras sociais, um exemplo disso é que *Linguinha* acaba criticando um de seus primeiros colaboradores, sem a preocupação com desacordos. Além disso, *Bondinho* e *Linguinha* deixam de existir, praticamente, em um mesmo período, 1972, tendo, pois, vida efêmera, o primeiro oito meses de vida e o segundo um ano. Os motivos para o fim de ambos além de outros fatores estão relacionados com a pouca ajuda financeira, fundamentais na condução destes alternativos vez que há custos tanto para a fabricação quanto para a publicação destes alternativos.

O jornal *Linguinha*, que unia brincadeira e crítica social, foi um jornal mimeografado, que apesar de não está preso a convenções de escrita pode ser inserido no formato tablóide, pois é um jornal com poucas páginas, entre 6 e 7, dependendo da notícia, de tom irônico, com pouca ou

nenhuma propaganda publicitária. Alcenor Filho, um dos entrevistados, coloca que o jornal era hebdomadário (semanal), porém essas publicações só aconteciam semanalmente nos meses em que seus colaboradores vinham passar férias em Parnaíba, por isso o entrevistado coloca que também eram irregulares, porque só eram publicadas e tinham regularidade quando seus colaboradores estavam aqui na cidade, quando não, o jornal não acontecia na cidade de Parnaíba.

Com a presença de imagens e quadrinhos de tom irônico e provocativo, sua distribuição em Parnaíba, como coloca Alcenor Filho em entrevista, acontecia em meio a elite familiar desta cidade, eram todos conhecidos e pertenciam ala nobre de sociedade, não podendo serem classificados nem como classe média, mas da alta para cima. Houve alguns exemplares que foram feitos e circularam no cursinho Pré-vestibular Psiqué, no Rio de Janeiro.

Analisando três das edições do *Linguinha* verificou-se a presença constante de colunas de notícias marcadas pela crítica, um espaço chamado “Molotoves do Linguinha” que se caracterizava pela divulgação sintética de alguns acontecimentos da cidade de forma crítica, “Os poluidores” eram pessoas que eles consideravam a época de cada edição “deslustradores” de Parnaíba, ainda havia colunas que apresentavam os filmes da semana, as poesias que assim como a crítica em forma de quadrinhos demonstravam bem o momento no qual viviam os colaboradores do *Linguinha*. As demais colunas do jornal variavam de edição para edição.

No primeiro Opus do *Linguinha* publicado em 01/01/1972, a matéria-capla foi “Mons. Sampaio: Gov. garante vestibular aqui!”, uma entrevista com o professor Monsenhor Sampaio, que falava, inicialmente, a respeito da transferência do vestibular para a capital, nela coloca que não concorda com essa transferência, pois desvalorizaria a “nossa universidade”, e que esteve com o governador e este fará de tudo para que o vestibular seja realizado aqui. Nesta passagem pode-se notar a postura crítica e questionadora do jornal, na medida que reconhecem a importância do vestibular na cidade, visto que são jovens universitários e querem instigar essas ideias na população parnaibana da época.

Dessa forma, a matéria do primeiro opus do *Linguinha* aponta para a preocupação do jornal em trazer problemas que inquietavam a juventude parnaibana, uma vez que a possível transferência do vestibular para a capital estava mexendo com os ânimos deste público, pois ficaria mais difícil a situação dos jovens caso houvesse tal transferência.

No decorrer desta entrevista a “patota do *Linguinha*” faz perguntas a respeito da educação sexual, divórcio, entre outros, daí discursos conservadores são apresentados na fala do professor entrevistado, colocando em algumas passagens, como por exemplo: “O divórcio nada mais é que o reconhecimento oficial da fraqueza humana que quer continuar fraca”.

Em meio a essa colocação o *Linguinha* manifesta-se com a seguinte fala: “não apoiado, mas pode continuar”. E o entrevistado segue dizendo que “o importante é educar para a vida matrimonial”. As falas do professor mostram um pouco de como pensava aquela sociedade, assim como a análise destas falas permite compreender o teor das perguntas como forma de inquietar os leitores do jornal, pois o professor, bem conceituado dando sua opinião sobre dado assunto, e os colaboradores do *Linguinha* não hesitavam em mostrar a contrariedade referente ao pensamento do entrevistado.

Outro ponto presente nesta edição, é a crítica em forma de quadrinhos que relaciona-se com as mortes repentinas do período, que o *Linguinha*, através da sátira tenta mostrar a preocupação com tal fato que podia ser percebido mais no Rio de Janeiro, onde a ditadura era mais intensa que em Parnaíba, não deixando, ainda assim, de explicitar tal crítica. A exemplo disso temos a seguinte passagem do Jornal *Linguinha*:



Figura 1 - Quadrinho do Jornal *Linguinha*
Fonte: Jornal *Linguinha* ano 1972.

No quadrinho a cima, que está presente no primeiro opus do jornal, observa-se a ironia com que os personagens tratam os discursos oficiais que negavam qualquer tipo de violação de direitos humanos apresentado na imagem: “Não te falei que era papo furado falar de esquadrão da morte?”, sendo que na mesma imagem encontra-se um homem morto, mostrando ai a ironia como fator de crítica e que leva a questionamentos, chamando a atenção dos leitores do jornal *Linguinha* para as mortes repentinas do período que quanto a natureza não estão bem claras no jornal, mas que pelo contexto estudado podem está ligadas a repressão militar ou a assassinatos encomendados. Para além das caricaturas sugestivas que o jornal apresentava, a relação com a arte também pode ser percebida através das poesias presentes no jornal, a poesia “Mundo mundo” de autoria de Alcenor Candeira Filho esta presente também nesta primeira edição do jornal:

MUNDO MUNDO

mundo mundo mundo
velho mundo vagabundo

mundo
mundo- século XX
mundo- 70 de rosas preciosas
belas rosas belicosas
rosas de bala
rosas de bomba
rosas de sangue
belas rosas deliciosas
(delituosas?)
rosas de aborto
rosas de estupro
rosas de roubo
rosas de rapto
rosas de droga

rosas disso
rosas daquilo

mundo
mundo atômico
eletrônico
econômico
supersônico
supererônico

mundo
mundo autêntico
parafrênico
esquizofrênico
oligofrênico

mundo
mundo surdo
mundo mundo
mundo imundo

até quando ouvirei das tuas belas estrelas a palavra – “amanhã” ?

(Nôba³)

Fonte: Jornal Linguinha ano 1972.

As poesias de Alcenor, em sua maioria, são marcadas por princípios clássicos e tradicionais, tais como: “Lua Miraculosa”, “Tarde de Verão”, “Esta vaga música”, entre outras; tendo como principais influências Carlos Drummond de Andrade e Augusto dos Anjos, mas sempre buscando o aspecto renovador. Contudo, Alcenor também escreveu poesias com

³ Pseudônimo de Alcenor Candeira Filho.

características da marginalia (entendida aqui como uma vertente cultural dos anos 70 que tinha o mimeógrafo como meio de registro, por ser mais barato, e estava a margem dos circuitos editoriais e culturais propostos pelo sistema vigente da época) tentando mostrar mais seus anseios e inquietações que ficar preso aos estilos românticos, parnasianos que estão voltados para a poesia metrificada, é também característico da poesia marginal à publicação em novos meios que não sejam livros, mas meios alternativos, como é o caso do próprio jornal *Linguinha*.

Na poesia acima estão presentes palavras que caracterizam bem o período como bala, belicosa, roubo, sangue, surdo, que tentam definir esse mundo, ou seja, essa problemática que se apresentava nos anos de 1970 marcados pela ditadura militar no Brasil, pois ainda que a cidade de Parnaíba estivesse longe dos grandes centros onde a ditadura militar era mais forte, mais repressiva, os colaboradores do *Linguinha* vivenciavam este momento no Rio de Janeiro, a exemplo disso temos as prisões de Gervásio, que segundo ele em entrevista, não aconteciam por graves motivos, mas por uma ou outra desobediência, bebida, por andar na cia de pessoas tidas como comunistas, entre outras. Estas vivências acabam por se refletirem no jornal *Linguinha*, na tentativa de denunciar tais fatos.

A segunda edição do jornal, em 08/01/1972 traz a tona “Marc: Proposta Gov. não satisfaz”, nesta matéria o entrevistado é Marc Jacob que fala sobre a proposta de compra do prédio da ACP (Associação Comercial de Parnaíba) pelo governo, que estava representado por Alberto Tavares Silva, que propôs um valor de compra abaixo do valor do prédio, não tendo acordo de venda satisfatório entre as partes. Além disso, discute a respeito de novas propostas de comercialização para Parnaíba, como o uso da pilocarpina, os pós e contras de uma indústria de cimento na cidade, entre outros. Aqui pode ser percebido que o *Linguinha* também tratava de assuntos relacionados à economia da cidade.

É interessante destacar alguns outros pontos colocados nesta edição. A ideia de alternativo, presente nas páginas do *Linguinha*, próprios da contracultura, apesar de não ter causado grandes alvoroços a sociedade de Parnaíba da época, ocasionou certo desconforto a grande imprensa da cidade, ou seja, mesmo se mostrando simpática ao *Linguinha* em alguns momentos, como no que vimos na passagem de Alcenor Filho onde ele coloca que “Recebendo, por paradoxal, o incentivo da imprensa tradicional da cidade [...]”.

Há momentos em que ela mostra-se contrária a alguns aspectos do alternativo *Linguinha*, como o que perceberemos na passagem a seguir: “O LINGUINHA manda um cem por cento ao jornal NORTE DO PIAUÍ e ao RUBEM FREITAS pela elevação do nível cultural de seus plás de comunicação, através da decantação do nosso idolatrado HEBDO”. Rubem Freitas era integrante do jornal NORTE DO PIAUÍ, na passagem apresentada é notável alguns desacordos entre a grande imprensa de Parnaíba (Jornal Norte do Piauí) na pessoa de Rubem Freitas e o Jornal *Linguinha*, pois a crítica é bem enfática no que se refere à tentativa do primeiro em “decantar”, ou seja, desvalorizar o segundo.

Além disso, notícias como “Curtindo suas transas, está entre nós pedrosa Barra Limpa”, “Por incrível que pareça, vem perdendo a juventude terreno nos cabarés da cidade. MOTIVO: os casados da alta sociedade estão sempre incrementados naqueles locais”, “Atenção, senhores frequentadores do cine EDEN. Quando forem ao referido cinema, levem um cachorro, já que as pulgas preferem os caninos, e vocês não serão incomodados”.

Nestas passagens a abordagem de temáticas como transa, cabarés, e a escancarada crítica ao cinema, são formas novas de se fazer a imprensa de Parnaíba, vez que a chamada “grande imprensa” estava longe de abordar tais aspectos, estando presa, apenas, ao convencionalismo de narrativas noticiárias, por exemplo:



Figura 2 - Imagens dos Jornais Folha do Litoral e Norte do Piauí
 Fonte: Jornais Folha do Litoral e Norte do Piauí.

Na 1ª imagem tem-se “Hugo Napoleão chega para visitas”, na 2ª há agradecimentos aos teresinenses e também fala-se sobre a danificação de algumas casas da cidade de Parnaíba, na 3ª “Governador vai ao Rio de Janeiro”, e na 4ª imagem encontra-se a propaganda, bastante característica das páginas dos jornais de grande imprensa. Nestas edições de NORTE DO PIAUÍ e FOLHA DO LITORAL percebe-se a quantidade de propagandas existentes e alguns exemplos de como era tratada a notícia nesta imprensa, estando presentes aspectos que podem confirmar a grande carga narrativa que possuía os jornais de grande imprensa, por exemplo, apresentavam em grande parte, se não em todas as suas edições, feitos e idas e vindas de políticos da cidade.

A segunda edição também mostra uma carta na íntegra de um dos admiradores do *Linguinha*, o Presidente do Rotary Francisco de Moraes Souza. Para ele, o jornal era um meio livre de expressão da juventude parnaibana, elogiando a iniciativa dos fundadores do *Linguinha* e também o valor da crítica juvenil presente no jornal. O autor da carta, coloca ainda sua iniciativa em propor um “Ciclo de orientação Profissional e Eficiência Pessoal” na cidade de Parnaíba,

onde convida os colaboradores do jornaleco a apoiar esta ideia. Como se ver, a tentativa de inserir o *Linguinha* em um “Ciclo de orientações Profissionais” pode ser percebido como uma tentativa de adequar o jornaleco a “ordem” da grande imprensa da cidade. Enfoques para o futebol da cidade, agradecimentos a patrocinadores também fazem parte desta edição.

A terceira e última edição do jornal que esta pesquisa conseguiu ter acesso, até mesmo pela possibilidade das outras não existirem mais, foi feita no Rio de Janeiro e publicada também em janeiro de 1972 em Parnaíba, a chamada “edição extra” que se fez referência no capítulo 1. Logo na capa, temos uma série de palavras, tais como: “Sacaneiras outras” estava relacionada ao jornal em si, as críticas que traçariam no decorrer da edição, “Pigadas” que são pequenos trechos do jornal que misturam piadas e crítica social, “Molotoves” é a divulgação sintética de alguns acontecimentos da cidade de forma crítica, “Crônica do Arraias” uma carta escrita por um dos integrantes do jornal o chamado Raimundinho Arraia, “Nobadas” fazem referência aos poemas de Alcenor Candeira Filho, que tinha como pseudônimo Nôba, entre outras. Que são palavras que caracterizam um pouco do que o jornal tratará nas matérias seguintes.

A edição tem como temática “Prof. Hélio: ‘O casamento indissolúvel é imposição legal, barbara, injusta e inócua.’” Como se fez referência no capítulo 1, com esta temática discutir-se-ia as belezas do casamento, assim como sua possível e justa dissolução, caso não houvesse mais felicidade entre as partes, além disso, a entrevista trata ainda da embriaguez, maconha, onde o entrevistado se mostra bastante entendedor do assunto, visto que era catedrático em medicina e respondia com clareza as perguntas feitas pela patota do *Linguinha* a respeito de tais assuntos.

Além dessa entrevista, encontramos uma carta de outro integrante de o *Linguinha*, Raimundinho Arraia que fez uma carta contando como estava o Rio de Janeiro. Apontando que lá estava na maior curtição, “todo mundo andando nú”, colocando que o carnaval esta começando e só se ver alegria, “ninguém se entende mais, só transa”. Aspectos como o que passaria no cinema, agora sem pulgas, diferente do que se viu na segunda edição do jornal, que colocava o cine Édén como um cinema cheio de pulgas, o que podemos identificar como uma crítica do *Linguinha* que serviu para a melhoria daquele espaço. Além da narrativa de um filme que é colocada no jornal, onde se percebe a intensa preocupação do filme e também do jornal em tratar sobre a orientação

sexual que os pais deveriam dar a seus filhos, o que é bem enfatizado pela Curriola⁴ do *Linguinha*.

Outras cutucadas (molotovs), e horóscopos satirizando aspectos das cidades e algumas pessoas, por exemplo: “PEIXES- nos fins-de-semana, evite a piscina do IGARA pois encontrará o peixe chato. Entrevistas e frases sugestivas também estão presentes no jornal. Terminam a edição extra com a seguinte frase “Os realizadores dessa maravilhosa edição extra de “O LINGUINHA” são: Zé do Egito, Nôba, Luís, Pigmeu e Mundin Arraia: Falamos e dissemos!!!”.

Perceba que as temáticas apresentadas no jornal estão inteiramente ligadas ao contexto de contracultura que perpassava o período, uma vez que se percebe a presença de assuntos como droga, o casamento também entre homossexuais, transas que estavam relacionadas com a liberdade de se relacionar sexualmente com quem quer que fosse, entre outros. Fatos estes que estavam em voga, principalmente no Rio de Janeiro, onde os fundadores do jornal sofriam grandes influências, a exemplo desse rompimento comportamental, temos as colocações de Raimundinho Arraia que foram apresentadas na passagem logo acima, que coloca a liberdade de comportamento que estava havendo no Rio de Janeiro, onde “ninguém se entendia mais, só transava”.

Estas colocações estão diretamente relacionadas com os aspectos apresentados nas entrevistas do livro “Enquanto corria a barca” da autora Lucy Dias (2003, p. 25): “Romper com tudo o que tinha sido dominante nas relações, até então, era o nosso lema. A partir daí transaríamos como nunca se quer sonharam nossas mães, que não entendiam *níqueis* de sexo e nada de orgasmos [...]”. Dessa forma, a onda do momento era burlar os padrões, mesmo que não soubessem onde iriam chegar, pois concordar com os comportamentos estabelecidos já não servia mais para aquela juventude sedenta por mudanças.

Portanto, a presença de questionamentos, que poderíamos chamar “alternativos” no jornal *Linguinha*, assim como a poesia, os desenhos, a presença de histórias em quadrinhos, traços estes que são destaques da imprensa alternativa como forma de crítica social, são fatores que marcam a contracultura em suas páginas, o que não se percebia na grande imprensa de Parnaíba, mostrando mais uma vez a inserção do *Linguinha* neste meio.

⁴ Ou patota eram como os integrantes do *Linguinha* se denominavam no sentido de grupo.

4 PRA NÃO DIZER QUE EU NÃO FALEI DAS FLORES: o *Linguinha* e a introdução da contracultura no Piauí.

Os anos sessenta e setenta são marcados por transformações sociais, onde o surgimento da contracultura, que é um movimento de caráter micro pela sua relação com o vivido, com o cotidiano, ou seja, são movimentos que não são pensados em termos das massas, mas como uma forma de enfatizar comportamentos. A contracultura pode ser exemplificada como sendo parte deste conjunto de transformações do período em questão. A onda da contracultura se fazia em um espaço underground, não oficial e por uma parcela da juventude que “queria sair dos padrões” até então estabelecidos, estejam eles ligados ao modelo de família (Pai, Mãe e Filho), a forma de vestir-se e portar-se e até mesmo de falar. A contracultura, nada mais era que, uma cultura alternativa àquela que servia de parâmetro para a organização da sociedade burguesa e ocidental.

Nesse sentido, o signo da contracultura pode ser percebido, por exemplo, através dos desbundados (aqueles que estavam fora dos padrões sociais) que foram se configurando por meio do movimento Hippie, por aqueles que faziam uso de drogas e esse uso era feito como uma forma de abrir as portas da percepção, ou seja, vislumbrar uma nova realidade (Dias, 2003), por aqueles que propunham o “casamento aberto”, ou seja, tanto o homem quanto a mulher poderiam ter relações abertamente fora de seu casamento, também eram taxados de desbundados aqueles que lutavam pela liberdade, que defendiam o livre-arbítrio de se relacionar, sexualmente, com quem quer que fosse sendo homem com homem ou mulher com mulher, ou seja, era proibido proibir!

Dessa forma, falar dos anos setenta é falar de um período de intensos questionamentos quanto à própria vida. No livro de autoria de Goldenberg (Apud. Lucy Dias, p.69) são colocadas algumas falas que caracterizam bem o que pretendia a contracultura:

Tem-se que brigar com o passado, ou melhor, estudá-lo. Arrancar de dentro da gente as raízes burguesas e mesquinhas, as tradições, o comodismo e a proteção. É preciso se separar de todos esses problemas criados na infância, do bom, do direitinho, e acho que aí, nessa separação, nesse rompimento, que a gente tem medo da solidão. Medo de não ser aceito. Acho que é preciso se deseducar para se reestruturar, para se chegar aos instintos verdadeiros dentro da gente, para descobrir o certo da gente. Quando se está livre de toda capa de educação, da boa educação, do direitinho, das normas, dos preconceitos, de tudo que é ensinado pra a gente, se pode ter uma visão de vida e de mundo, uma maneira de se viver muito mais livre e divertida, muito mais aberta.

Portanto, os favoráveis a contracultura propunham novas formas de compreensão do mundo e de relações sociais. O importante era está fora dos padrões, fugir das amarras sociais, do “direitinho”, sair da ordem até então estabelecida para alçar novos voos. Dentro desta perspectiva, a contracultura se caracteriza por uma cultura micro, por está fora dos grandes circuitos, ou seja, era um movimento desvinculado dos modos estabelecidos de ser e pensar aquela sociedade e por isso deve ser discutida com maior amplitude por parte dos historiadores, vez que a parcela da população que adentra a este movimento que contestava a cultura até então estabelecida eram, muitas vezes, mal vistos por seu modo de pensar e viver. Além disso, estamos falando de um período de ditadura militar, portanto, de grandes tensões entre quem dirigia o país e quem contestava, com evidentes prejuízos para estes últimos.

Assim, a partir das experiências que os colaboradores do Jornal *Linguinha* traziam do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, houve a possibilidade de trazer para a cidade de Parnaíba temáticas que vinham sendo discutidas nesses grandes centros. Marcando um “começo⁵” da micropolítica em Parnaíba, que pode ser entendida como:

A questão da Micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de “molar”) se cruza com aquele que chamei de “molecular”. [...] É obvio que a revolução molecular não se restringe às minorias, mas a todos os movimentos de indivíduos, grupos, etc. que questionam o sistema em sua dimensão da produção de subjetividade. (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 149; 162)

Dessa forma, compreende-se que a micropolítica longe de estar restrita às minorias, envolve-se com os modos de subjetividades, aquilo que se reflete, que se vive, que se sente, em fim que atravessa o campo dos desejos, ou seja, “a questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetivação dominantes.” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 155). E o *Linguinha* pela sua forma de questionamento, a vivência de seus colaboradores e ainda a forma como trata a notícia mostram o quanto havia de micropolítico em suas páginas.

Também falando sobre a micropolítica, a mesma autora coloca que esta pode ser entendida como “a força do que acontecia na política do desejo, da subjetividade e da relação com o outro”. Fazendo um paralelo desta ideia com o jornal percebe-se que a relação dos colaboradores do Jornal *Linguinha*, que estavam inseridos em um período de intensas

⁵ [...] O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate (Foucault, 1998: 17 - 18).

transformações, foi decisivo para que houvesse a criação do jornaleco onde nele podiam expressar seus questionamentos, desejos e subjetividades, marcados pelo contexto em que estavam inseridos. E este jornal contribuiu para o surgimento de outros jornais alternativos no Piauí, como é o caso, por exemplo, dos jornais *Inovação*, *Sol* e *Gamma*.

A contracultura se relaciona com a micropolítica na medida em que ambas defendem uma política relacionada ao vivido, ao cotidiano, e são pensadas como uma forma de enfatizar comportamentos e não em termos de massas, como foi dito no começo deste capítulo. O caráter contracultural e micropolítico do jornal pode ser percebido na seguinte passagem do livro “Seleta em verso e Prosa” de Alcenor Candeira (2010, p. 78): “O pioneirismo, o desejo de exaltar a sublimidade dos sentimentos humanos, o rompimento com o academicismo anacrônico, a rebeldia contra o sistema vigente, - tudo isso concorreu de forma decisiva para justificar o surgimento de **O LINGUINHA** [...]”.

Nesta passagem se percebe a emergência da criação do jornal e também a ligação do jornal com a contracultura e a micropolítica, na medida em que são características da primeira a rebeldia e o rompimento, como é colocado na passagem a cima, daquele movimento que queria sair dos padrões estabelecidos, queriam burlar as regras. E também encontramos aspectos da segunda, quando se fala em “o desejo de exaltar a sublimidade dos sentimentos humanos”, ou seja, a micropolítica se insere nessa política do desejo que como coloca Guattari e Rolnick (2010, p. 261) “[...] eu proporia denominar desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores”.

Dentro desta perspectiva, o *Linguinha* como coloca a citação, criava novas maneiras de perceber a sociedade da época, propondo também, uma nova percepção de imprensa, mas é bom que se diga que como colocaram Alcenor e Gervásio em entrevista, a proposta do jornal não era provocar grandes mudanças, pois segundo eles o jornal nem tinha uma posição partidário definida, era mais uma brincadeira de jovens universitários. Mas é interessante destacar que, através de pequenos fatos ou atitudes pode-se perceber um contexto, assim como insatisfações ou formas de pensar de uma dada realidade. Dessa forma, verifica-se a gama de informações que podemos tirar do Jornal *Linguinha*, pois quando se faz um paralelo entre ele e seu contexto pode-

se perceber o quanto sua ousadia e seus questionamentos foram capazes de propor um “começo” referente às temáticas apresentadas na cidade de Parnaíba e também do Piauí.

Além disso, o Jornal *Linguinha* era uma forma de está mostrando para a sociedade parnaibana os anseios daquela parcela da juventude, que por estar vivenciando novas formas de pensar e fazer o mundo, não concordavam com as que aqui se apresentavam, e através da brincadeira, propunham novos modos de ver aquela sociedade e faziam isso com as críticas postas no jornaleco, expondo falsos moralismos comportamentais, (como o que foi apresentado no Capítulo II) ou seja, perante a sociedade os casais eram os mais “corretos” possíveis, mas a maioria dos maridos, por exemplo, estavam logo mais, frequentando os cabarés da cidade. Passagens como estas, estavam presentes no jornal, a fim de que a sociedade ficasse mais atenta ao que se pregava e o que acontecia de fato.

Na edição extra do Jornal *Linguinha*, como foi citado no capítulo II desta monografia, encontramos uma entrevista sobre o casamento indissolúvel com o Prof. Hélio Gomes que era catedrático em medicina. Na entrevista quando perguntado “O sr. acha que um homem é casado apenas se casar com uma mulher?”, o entrevistado responde “desculpe-me mas não respondo perguntas sem nexos”. Aqui podemos perceber que a relação de homossexuais não era bem vista na sociedade pela forma com que um “intelectual” responde tal pergunta. E era exatamente estas verdades que o movimento contracultural queria desconstruir, pois como coloca Roszak (Apud. Lucy Dias, p.63) “[...]‘o primordial objetivo da nossa contracultura é proclamar um novo céu e uma nova terra, tão vasta, tão maravilhosa que as exigências da técnica tenham que se retirar para um Status subordinado e marginal na vida dos homens’.”

Assim, o rompimento com os comportamentos até então vigente, como por exemplo, a ideia do casamento só entre o homem e a mulher, a própria fidelidade na relação são fatores que entram em questionamento neste período, aí se percebe como as próprias perguntas que os colaboradores do jornal fazem dão brechas para novas reflexões. Nesta entrevista, a patota do *Linguinha* ainda pergunta quais os tipos de esposas e maridos insuportáveis que dariam motivo para a dissolução, o entrevistado coloca que àquelas adúlteras, anormais sexuais, os alcoólatras habituais, masoquistas, respectivamente.

Além disso, ainda encontramos no jornal a presença de palavras como Nobadas (poemas de Alcenor), sacaneiras (críticas), entre outras, que são invenções linguísticas típicas dos anos 60 e 70. Os jovens da época brincavam com as palavras. As tantas gírias criadas no período denunciavam isso:

“Recebemos uma carta do ELMANO, um dos idealizadores do LINGUINHA. Na carta, há um trecho assim: “o Elias, pô, mora bem pertinho da gente. O cara passa o sábado e o domingo bebendo cervas. Só êle não, às vezes, Iran Uchôa, o Carlos Henrique, EU, Gordurinha, Romário e outros (inúmeros).

Puxa! Como êsses caras de Brasília estão ricos! Enquanto êles bebem cervas, nós aqui bebemos é cana mesmo.” (LINGUINHA, 1972)

Esta passagem, também da edição extra, mostra a quantidade de gírias que o jornal apresentava e também a presença de termos como “cerva”, “cana”. Ainda havia no jornal diálogos que mencionam “drogas”, “transas”, que são formas de perceber a presença do alternativo, do contracultural e da micropolítica em suas páginas, vez que tratam de temas inovadores se comparado as temáticas apresentadas pelos jornais de grande imprensa, há evidentes críticas comportamentais, como as que vimos no capítulo 2 desta monografia, e ainda o caráter micropolítico, na medida que no jornal encontra-se uma política (e aqui me refiro ao ser político, ou seja, ser de ação em uma dada realidade) advinda de uma ideia, até então, silenciada, que está fora dos grandes circuitos, da grande imprensa parnaibana, mas que através das subjetividades de seus colaboradores, ou seja, do que sentem e pensam montam estratégias individuais ou coletivas de forma contestatória aos padrões estabelecidos.

Portanto, a emergência da imprensa alternativa no Piauí a partir do Jornal *Linguinha* se deu por uma série de fatores, como foi colocado anteriormente. No entanto foi, principalmente, pelas novas vivências dos colaboradores do *Linguinha* que foi possível à criação do jornal que, através da brincadeira, inseria assuntos ainda pouco ou não debatidos na sociedade parnaibana, o que contribuiu para uma nova forma de pensar e fazer a imprensa, vez que os falsos moralismos, por exemplo, eram fatores que encodavam os colaboradores do jornal, mostrando desta forma a emergência que tinha os integrantes do jornal em tratar destes novos temas, trazendo para a cidade algo novo que pudesse contribuir para o repensar de certos comportamentos.

Assim, um grupo de jovens, sem grandes pretensões, a partir de um brincadeira, idealizam o jornal em 1971 publicando-o de janeiro de 1972 a janeiro de 1973 e é este jornal que não só contribui para um “começo” das discussões referente a imprensa alternativa no Piauí, mas que trás um conjunto de enunciados que foram importantes para a emergência da, ainda que tímida, contracultura e micropolítica na cidade de Parnaíba. Haja vista que o Jornal *Linguinha* também se preocupava com a economia da cidade, com aspectos como venda de prédios, como foi o caso do prédio da ACP, transferência do vestibular para a capital, e outros temas apontados no capítulo anterior, que poderíamos chamar de “macro” pela proximidade que tinham com os temas abordados pela grande imprensa da cidade.

Desta forma, se pode perceber o *Linguinha* como um jornal na fronteira entre o formalismo da grande imprensa e a “anarquia” contracultural pelas novas temáticas que abordavam como a própria questão do casamento, assuntos referentes à droga, transas, entre outros de forma que, o *Linguinha* dá visibilidade para os primeiros discursos que marcaram o “começo” da contracultura e da micropolítica no estado, embora não tenha sido genuinamente underground, isso porque os jovens que elaboraram o jornal tinham uma certa predisposição para esse tipo de comportamento, mas não eram totalmente envolvidos com nenhuma bandeira seja ela macro ou micro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Costumamos pensar que as transformações sociais, sejam elas de que tipo for, levam mais tempo para chegar às regiões mais periféricas do país do que aos grandes centros. Assim, era de se esperar que os intensos debates que permitiram a emergência dos movimentos políticos alternativos e de seus jornais pelo Brasil afora, nos anos setenta, não chegassem tão cedo ao Piauí.

Mas ao contrário dessa expectativa, a imprensa alternativa emergiu no estado bem cedo e quase que simultaneamente ao que aconteceu nos grandes centros, se levarmos em conta o lançamento dos principais alternativos do país, como *O Pasquim*, de 1969, por exemplo. E se isso não bastasse para atestar a importância histórica do *Linguinha*, o primeiro jornal alternativo do Piauí, poderíamos afirmar também que ele introduziu um dos mais ricos capítulos da história da imprensa alternativa no Brasil, haja vista que depois dele vieram outros importantes jornais alternativos piauienses tais como o *Gramma*, *Sol*, *Estado Interessante*, *Chapada do Corisco* e o mais expressivo de todos, o *Inovação*, que em termos de engajamento político e, especialmente, de longevidade, pode ser caracterizado como um dos jornais alternativos mais importantes do país.

Nesse sentido, como coloca seus colaboradores em entrevista, o jornal não tinha posição política definida, nem pretensões de grandes mudanças, pois o que o Jornal *Linguinha* fazia era mais uma brincadeira de jovens universitários que vindo de férias dos grandes centros procuravam a “descontração” na elaboração do jornal. Mas foi esse jornaleco, sem grandes pretensões, que abriu as portas da imprensa alternativa no Piauí, na medida em que inseriu a arte e o questionamento em suas páginas e inovação em suas temáticas.

Este trabalho verificou que a cidade de Parnaíba, à época do *Linguinha* convivia, com uma política de ditadura militar marcada pelo “autoritarismo de políticos ligados à ditadura” (JÚNIOR, 2010), ou seja, a ditadura nesta cidade, praticamente, estava associada ao autoritarismo de políticos da cidade e às perseguições e agressões que houve na mesma, neste período, foram neste sentido. A juventude da época pouco se manifestava frente a isso, alguns dos fundadores do *Linguinha*, em entrevista, contam que não tinham uma posição política definida, mas sabiam que

precisavam mostrar seus anseios cutucando aspectos daquela sociedade. Fruto destas inquietações e influencias que sofreram no Rio de Janeiro fundam o Jornal *Linguinha*, que mesmo sem “grandes pretensões”, como coloca um dos fundadores do jornal, abre as portas da imprensa alternativa no Piauí.

A relação política e arte está bastante presente no jornal, as poesias tratando do momento em que viviam, as sátiras em forma de quadrinhos e demais passagens faziam parte do cotidiano do jornal e das inquietações de seus fundadores. Segundo Alcenor Candeira havia uma boa relação entre os jovens que faziam o *Linguinha* e a sociedade parnaibana, visto que eram “todos conhecidos e da elite familiar de Parnaíba”, ainda coloca que não houve perseguições ao jornal e no que se refere à contribuição do *Linguinha* para a imprensa alternativa no Piauí é justamente pelo seu pioneirismo, que sofrendo influências de *Pasquim* e *Opinião*, abre as portas da imprensa alternativa no Piauí.

Sendo assim, foi através de revisões bibliográficas, e das análises feitas que se verificou a importância do *Linguinha* não só no contexto do Piauí, mas também de Brasil, pois como foi dito anteriormente, ele contribui para as discussões referentes à imprensa alternativa, dando suporte para o surgimento de muitos outros jornais, como os que foram apontados a cima, além de produzir uma ideia de “começo” dos primeiros discursos referentes a contracultura e a micropolítica na cidade de Parnaíba, contribuindo de forma significativa nas formas de pensar e fazer a imprensa até então. Portanto, esta monografia mostra alguns aspectos da imprensa alternativa dos anos setenta a partir do Jornal *Linguinha*, mas claro que as análises aqui realizadas são apenas uma pequena parte do grande arca bolso temático que possui os anos setenta.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

CASTRO, Gervásio. **Entrevista concedida a Camila da Silva Miranda e Idelmar Gomes Cavalcante Júnior.** Parnaíba, 24 de Maio de 2012.

FILHO, Alcenor Candeira. **Entrevista concedida a Camila da Silva Miranda e Idelmar Gomes Cavalcante Júnior.** Parnaíba, 20 de Março de 2012.

FOLHA DO LITORAL. Piauí - Jornal Diário/ Circulação Regional.

LINGUINHA. Jornal Linguinha. Parnaíba, 1972-1973.

NORTE DO PIAUÍ. Piauí – Jornal Diário/ Circulação Regional.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Carlos Henrique de. **Sem lenço, sem documento:** uma viagem inesquecível. Teresina: Piauípel, 2005.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada:** as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BEZERRA, José Pereira. **Anos 70:** Por que essa lâmina nas palavras? Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

DIAS, Lucy. **Anos 70:** enquanto corria a barca. São Paulo: Senac-São Paulo, 2003.

FILHO, Alcenor Candeira. O produto cultural alternativo dos anos 70 em Parnaíba. In: **Seleção em verso e Prosa**. Parnaíba: Sieart, 2010.

_____. Alcenor Candeira. **No Reino da Poesia**. Parnaíba: Sieart, 2004.

_____. Alcenor Candeira. **O crime da praça da graça**. Parnaíba: Sieart, 2008.

_____. Alcenor Candeira. **Antologia poética**: Parnaíba: Sieart, 2004.

_____. Alcenor Candeira. **Teoria do texto**. Parnaíba: Sieart, 2006.

_____. Alcenor Candeira. . **Das formas de influência na criação poética**. Parnaíba: Sieart, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11. ed, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de viagens**: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. 2. ed, São Paulo: Edusp, 2003.

MADALENO, Rolf. **Pequena trajetória histórica do divórcio no Brasil**. Disponível em: <http://www.estadodedireito.com.br/2011/01/05/pequena-trajetoria-historica-do-divorcio-no-brasil/>. Acessado em: 10 out. 2011.

MEIHY, José Carlos S. B. **História Oral**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NASCIMENTO JÚNIOR, Vamberto Marinho do. **Ditadura militar e repressão política na cidade de Parnaíba entre os anos de 1964 a 1985**. Parnaíba, 2010.

SCHILLING, Voltaire. **O bipartidarismo no regime militar**. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/brasil/2003/08/18/001.htm>. Acessado em: 12 de jul. de 2012.